

## ENTREVISTA A REMO CESERANI

*Alberto Sismondini*

Universidade de Coimbra/Centro de Literatura Portuguesa

Remo Ceserani (n. 1933) é Professor da Alma Mater Studiorum – Università di Bologna (Itália). O seu percurso profissional na docência iniciou-se em Milão, prosseguindo-se em Pisa (Scuola Normale Superiore e Università degli Studi), Génova, e Bolonha. Foi professor visitante em numerosas instituições nos Estados Unidos, Austrália, Brasil, Suíça e Alemanha. Atualmente continua uma profícua colaboração com a Universidade de Stanford.

Além de docente de literatura(s), é tradutor do inglês e autor de ensaios importantes (sobre a pós-modernidade, o naturalismo, o fantástico, as chaves interpretativas da crítica literária).

Em colaboração com Lidia de Federicis (1930-2011), Remo Ceserani publicou *Il materiale e l'immaginario*, um curso de literatura em 10 volumes destinado ao ensino secundário (do 9.º ao 13.º ano de escolaridade do currículo italiano), que lhe deu vasta popularidade, não apenas no meio académico. No âmbito do ensino superior, destaca-se o *Guida allo studio della letteratura* (1999) em cujo capítulo IX se apresenta uma lúcida análise do estado do ensino da literatura no dealbar do milénio. Entre as publicações mais recentes, destacam-se o *Dizionario dei temi letterari* (2007), em 3 volumes, com Mario Domenichelli e Pino Fasano; *Nebbia* (2009), com Umberto Eco; *Convergenze. Gli strumenti letterari e le altre discipline* (2010); *L'occhio della Medusa. Letteratura e fotografia* (2011); *La letteratura nell'età globale* (2012), com Giuliana Benvenuti.

Alberto Sismondini – *Após dez anos desde as suas considerações sobre a educação literária nas escolas (faço referência ao Guida allo studio della letteratura, de 1999), o que acha que mudou em Itália e no mundo?*

Remo Ceserani – Não creio que muito tenha mudado. De há uns anos para cá tem existido uma tendência, em muitos países e também em Itália, para descurar na educação escolar o ensino das chamadas matérias literárias (o cuidado com a língua, a riqueza e as *nuances* da linguagem falada e escrita, a importância da história), bem como das ciências fortes (a matemática, as ciências naturais, os métodos de investigação), existindo uma maior dedicação ao conhecimento prático e instrumental ou a estudos muito superficiais. Nas discussões entre pedagogistas e professores, frequentemente se contrapõem as ciências humanas e ciências naturais. Na realidade, as ciências naturais são muitas vezes descuradas, à imagem das ciências humanas. Eu, que me ocupo de literatura, estou pronto a defender a necessidade de um forte incremento dos conhecimentos científicos (física, biologia, estudo das plantas e dos animais). Não esqueçamos que muitos cientistas e filósofos foram grandes escritores, de Galileu a Darwin, de Schopenhauer a Leopardi, de Nietzsche a Freud. Calvino sabia-o muito bem. Também estou pronto a defender a grande importância, quer na formação individual, quer na coletiva, das várias formas do imaginário (ou seja, também do imaginário literário) para enfrentar a vida cada vez mais complexa das nossas sociedades. Num livro recente, intitulado *Convergenze* (Milão, Bruno Mondadori), reuni muitos testemunhos de grande interesse, da parte de muitos cientistas (desde matemáticos, a físicos, biólogos e neurocientistas) sobre algumas características fortes das linguagens do imaginário: as formações metafóricas, o gosto pela narrativa.

*Considera que hoje em dia a presença da literatura na educação básica seja ainda preponderante e que despertar a inaptidão poética dos jovens ainda se apresente como um objetivo importante para a didática da escola obrigatória?*

Não diria preponderante, há uma progressiva debilitação deste ensino e uma forte desmotivação dos professores, os quais, salvo raras exceções, estão agora muito mais habituados a enriquecer-se em programas televisivos do que na leitura. E, todavia, arrasta-se uma presença burocrática do ensino literário, que aplicado sem paixão e de forma rotineira pode apenas gerar aborrecimento e intolerância. Por outro lado, é verdade que, sobretudo nos ciclos da escola básica e média inferior, se os professores são bons e têm um verdadeiro sentido da língua e do ritmo da poesia, das capacidades metafóricas e inventivas da linguagem, da precisão e clareza de um discurso bem estruturado, podem encontrar uma resposta entusiasmante nos alunos, os quais adoram instintivamente jogar seja com as imagens, seja com as palavras. Não sei quantos professores e professoras do ensino básico hoje em funções mantiveram viva a herança de Gianni Rodari, Ersilia Zamponi ou Roberto Piumini, mas dizem-me que a qualidade das escolas primárias italianas permanece alta. Por exemplo, sei de grupos de professores californianos que vêm regularmente a Itália para estudar os métodos de ensino de algumas das nossas escolas emilianas de vanguarda, sobretudo escolas de infância e primárias. A quebra, com poucas exceções, na qualidade do ensino linguístico e cultural, ocorreu sobretudo na escola média inferior: erros estruturais e organizacionais da parte das instituições, programas e instrumentos de trabalho insuficientes, professores mal pagos, nem sempre preparados, muitas vezes desmotivados, e nenhum controlo da qualidade do trabalho por eles desenvolvido.

*As antologias literárias são ainda instrumentos de incentivo às práticas de leitura, de investigação e de aculturação, assim como transmissores de valores civis e morais? A integração de novos media no ensino ocorreu efetivamente ou o caderno de folhas mantém a mesma função que tinha no século que acabou de findar?*

Como sabe, eu preparei, juntamente com a saudosa Lidia De Federicis, uma antologia, *Il Materiale e l'immaginario* (1979-1995), que propôs um novo modo de abordar o ensino da literatura, pondo-a em relação com as outras formas do saber (da vida material às das ideias), alargando a escolha dos textos além das fronteiras nacionais e ladeando os grandes textos clássicos com outros textos, por várias razões interessantes. Procuramos também, o mais possível, evitar a tradição escolar italiana da antologia (a escolha das passagens mais famosas), propondo para cada ano a leitura de pelo menos dois ou três textos completos (a este propósito dávamos toda uma série de instrumentos de apoio crítico à leitura) e, frequentemente, acompanhando as leituras com chamadas de atenção para a integridade do texto, com propostas de alargamento e comparações com outros textos. O projeto, nascido em anos de grandes esperanças culturais (verdadeiras utopias), teve durante alguns anos um êxito extraordinário, junto de uma classe de professores motivada, mas também de estudantes curiosos (hoje encontro muitos desses alunos, que me dizem que encontraram grandes estímulos formativos nesse livro). Posteriormente, de uma forma gradual, voltaram os velhos manuais, as velhas antologias, mas também alguns bons livros que procuraram seguir o nosso exemplo, ainda que muitas vezes renunciando a algumas das características mais inovadoras do modelo, por razões práticas. Agora a situação parece-me estar numa fase de desgaste. Entretanto, as novas tecnologias e a possibilidade de descarregar textos da *internet* colocam novos problemas e também novas potencialidades, as quais, se fossem estruturadas com inteligência, permitiriam fazer experiências muito positivas.

*As experiências de hibridação que ocorreram no mundo anglo-saxónico para revitalizar os clássicos da literatura, cito concretamente o fenómeno de “mashup” como Pride and prejudice and zombies, de Seth Grahame-Smith, ou Android Karenina, de Ben H. Winters, podem ser entendidas como um mero fenómeno paródico ou o início de um processo de descaracterização do cânone literário de modo a permitir uma maior divulgação?*

Tenho algumas dúvidas relativamente aos exemplos que acabou de citar. Trata-se de manipulações por vezes divertidas (sobretudo aquelas em *steampunk*), mas um pouco ligadas às modas e aos consumos das culturas pós-modernas (horror e ficção científica, dos quais os jovens de hoje são grandes consumidores, sobretudo no cinema e na televisão). Existem exemplos mais sérios e fortemente educativos, que permitem reler os grandes clássicos e também organizar uma dupla leitura do texto base e da nova versão (o *remake*), com o resultado de lançar uma nova luz sobre o texto base e de fazê-lo reviver num novo contexto: estou a pensar por exemplo na nova versão de *Tempestade* de Shakespeare (também no cinema) ou na história de Robinson, reescrita por Tournier (ou também no cinema, por Buñuel).

*Considera que no ensino secundário o aparato comunicativo e informativo dos media tenha definitivamente suplantado o grande aparato retórico da tradição literária, com a sua classificação das figuras, do sistema e das hierarquias de géneros? Nos liceus italianos ainda se pratica o humanismo elitista?*

Não estou convencido de que o aparato retórico da tradição literária tenha sido suplantado. A própria teoria da comunicação, nas versões mais atualizadas, faz um largo uso dos conceitos e termos da retórica. Aliás, houve a impressão, sobretudo nos anos do estruturalismo e da semiótica (estou a pensar em Barthes, Umberto Eco ou no grupo  $\mu$ ), que se estivesse a assistir ao regresso em grande da

retórica. Também a Lidia De Federicis e eu, no manual de acompanhamento técnico ao livro *Il materiale e l'immaginario*, intitulado *Strumenti*, demos o devido lugar à tradição da análise retórica, assim como à questão dos géneros (a que preferimos chamar “modos” de representação). É claro que o liceu clássico, e também o científico, como foi estabelecido por Giovanni Gentile, tinha muitos defeitos e desenvolvia, pelo menos em parte, uma função de seleção classista, mas era uma escola muito orgânica com grandes capacidades formativas. Sucedeu-me, há alguns anos, passar um serão com um grande pedagogo americano, Jerome Bruner, que a certa altura se dirigiu a mim e aos outros convidados e disse: “São loucos, vocês italianos! Têm uma escola extraordinária, como é o caso do vosso liceu, e estão a desmantelá-la”. Talvez desmantelá-la seja agora inevitável, mas é necessário saber substituí-la por uma mais moderna, melhor adaptada aos tempos e aos jovens de hoje e, pelo menos, igualmente orgânica e eficiente. Em relação à seleção classista, não posso deixar de pensar nos jovens capazes e de origem bastante humilde, principalmente da Itália Meridional, que atingiram um nível cultural e social muito elevado, vencendo as dificuldades do liceu.

*O ensino da literatura nas universidades italianas está ainda refém do ensino de tipo histórico-literário? A filologia prevaleceu definitivamente sobre a crítica?*

Certamente que o quadro não é reconfortante, sobretudo nas faculdades de Letras e nos cursos de literatura italiana; um pouco melhor, em muitos casos, foi a estruturação dos cursos de literaturas estrangeiras, de teoria da literatura e literaturas comparadas. A filologia tem grandes méritos e os métodos de ensino de tipo filológico foram muitas vezes um veículo de inovação (basta pensar no papel desenvolvido por filólogos como Contini, Caretti, Segre, Corti, Avalle, Folena, frequentemente vanguardistas na promoção de métodos críticos modernos, sendo eles próprios, muitas vezes, ótimos críti-

cos). O *slogan* programático de Caretti, “Filologia e crítica”, deveria ser escrito nas portas das entradas de todos os departamentos de estudos literários. Infelizmente, o que se verificou nas duas últimas décadas foi precisamente a separação dos dois termos “filologia” e “crítica”, e muitas vezes a atividade filológica, fechada em si mesma, foi uma espécie de refúgio, um *bunker* para procurar reagir à crise da crítica.

*A atual crise financeira fragilizará o conceito, que se tem afirmado nos últimos anos, de universidade como empresa produtiva? Haverá um regresso ao estudo de disciplinas filosóficas, históricas e literárias, segundo os modelos de concepção humboldtiana?*

Não seria tão otimista. O quadro traçado pelo estudioso inglês Bill Reading, que trabalhava no Canadá, no livro póstumo de 1996, *A universidade em ruínas* (curiosamente, nunca foi traduzido em Itália, onde todos os anos são publicados dezenas de livros sobre os problemas das Universidades), parece-me que possa ser extensível também aos sistemas universitários europeus, embora estes sejam de um modo geral estatais, mais ligados às tradições e tendencialmente mais conservadores. Reading denuncia a transformação das universidades americanas em grandes corporações, que aplicam a típica lógica capitalista de aliança direta com os sistemas produtivos, de competição entre os alunos e exaltação dos ideais de mérito e excelência (que vai contra o ideal humboldtiano de solidariedade e partilha de saberes). As universidades europeias, quase sempre públicas e em parte ainda ligadas aos ideais humboldtianos, estão gradualmente a adaptar-se ao sistema americano. A crise na qual nos encontramos, muito profunda e radical, não me parece todavia que permita mudar o curso dos eventos, apesar do empenho generoso de muitos estudantes e intelectuais que analisaram as razões da crise. Estes são um motivo de esperança para o futuro, mas o sistema capitalista, mesmo nesta sua fase de globalidade financeira, parece capaz de adaptar-se às novas situações e de impor as suas vontades.

*O fim do século XX foi marcado nos EUA por grandes debates sobre o cânone, um exemplo que à época não foi muito seguido pelos universitários italianos. Considera que houve uma mudança de atitude?*

A discussão sobre o cânone chegou também a Itália, atrasada como de costume e com um macaquear demasiado fácil do modelo americano. Não creio que tenha havido muitas mudanças. O livro de Harold Bloom sobre o cânone ocidental, muito pessoal e idiosincrático, foi mais levado a sério em Itália do que nos Estados Unidos, e foi utilizado como suporte de uma visão tradicionalista e conservadora da história da literatura italiana (e, conseqüentemente, das antologias e dos manuais escolares). A única mudança, devido a razões de força maior, é a divulgação cada vez mais nítida e difusa da literatura contemporânea. A razão normalmente apontada para o descurar do grande património da tradição literária italiana consiste no carácter aúlico desta tradição e na sua forte separação da linguagem de hoje, o que torna os textos difíceis para os jovens, os quais agora vivem dentro de uma outra dimensão linguística e precisariam até de uma tradução para poder ler não só Dante e Boccaccio, como também Foscolo e Leopardi. Trata-se de uma razão muito séria, que diz respeito não só à tradição canónica da literatura italiana (de Dante e Petrarca a Manzoni), mas também à extraordinária riqueza das expressões em diversas línguas (o latim, o provençal, as línguas locais e regionais, os dialetos, de Ruzante a Pasolini e Albino Pierro) que durante séculos tornaram muito complexa a situação cultural e linguística italiana. Paradoxalmente, dá-se o facto de que os jovens tiram mais facilmente proveito, também a nível de enriquecimento linguístico, da leitura das grandes obras de outras literaturas traduzidas em italiano (sobretudo quando as traduções são bem realizadas).

*O século XX foi um século muito celebrado pelos seus contemporâneos, como pensa que este será estudado nas próximas décadas?*

Não quero entrar aqui nos problemas colocados por este século historicamente controverso ou nos debates entre quem fala de século breve e quem defende que, na verdade, a meio do percurso se verificou uma viragem epocal, a que Zygmund Bauman chamou a modernidade sólida e a modernidade líquida. Cabe-me dizer que, bem ou mal, o último século ou aqueles dois pedaços de século produziram em Itália textos literários de grande relevância, que conseguiram conquistar o seu espaço na consideração dos outros países (assim como aconteceu com os artistas, os arquitetos, os homens do teatro, os registos cinematográficos, os músicos). Basta mencionar os nomes, na literatura, de Pirandello, Svevo, Gadda, Morante, Levi, Calvino (e tantos outros poderiam aqui constar) para demonstrar que a cultura italiana teve um grande relevo no panorama internacional, talvez semelhante ao dos primeiros séculos.

Tradução: NELSON ANDRÉ GOMES DE SOUSA